

ELSINORE

# JAMEL BRINKLEY

Finalista do National  
Book Award 2018



# UM HOMEM DE SORTE

Para a minha mãe e o meu irmão,  
Marilyn e Christopher.

A diferença entre Deus e a sorte é que a sorte,  
quando desaparece, não se afasta muito:  
a ideia é acreditarmos que quase podemos tocar-lhe...

– CARL PHILLIPS, «If a Wilderness»

# ÍNDICE

- 13**  
Uma Curtição Apenas  
–
- 43**  
J'ouvert, 1996  
–
- 77**  
Eu Feliz Sou  
–
- 101**  
Tudo o que a Boca Come  
–
- 145**  
Uma Família  
–
- 177**  
Um Homem de Sorte  
–
- 199**  
Felicidade Infinita  
–
- 233**  
Wolf e Rhonda  
–
- 267**  
Clifton's Place  
–

## UMA CURTIÇÃO APENAS

Foi nos velhos tempos. Eu e o Claudius Van Clyde estávamos na orla da multidão dançante, cada um de nós já com três garrafas de uma cerveja miraculosa no bucho, atingidos pela música que as colunas bombavam. Mas não estávamos a ouvir a música. Eu falava-lhe à concha exposta do ouvido desde que tínhamos chegado à casa onde decorria a festa, gritando uma série de coisas tristonhas sobre o meu pai. A dada altura, já depois da meia-noite, ele parou de anuir mecanicamente e, com o queixo, apontou para as escadas.

— Vê-me só *estas* miúdas — disse ele.

Do lado de lá das cabeças movimentadas de quem dançava e de candidatos a sedutores, vi as duas raparigas a quem ele se referia. Aproximavam as mãos da cintura uma da outra, repetidamente, e depois retiravam-nas depressa, como se estivessem a testar o calor de uma chama. Ao fim de um minuto neste jogo, riram-se e foram para outro lado. Afastando-nos da mesa do DJ, diante das janelas salientes com uma elegância emprestada pela noite, serpenteámos por entre a multidão e seguimo-las até à cozinha, onde avaliámos a situação. Uma das raparigas era magricela, de braços finos, mas de ancas visivelmente arredondadas. Usava um top branco, o que, sob a luz ténue, conferia um brilho ao seu rosto e às suas unhas pintadas. Um afro bem cuidado e feminino florescia-lhe na cabeça, e a sua pele era de um castanho menos escuro do que o da amiga, uma rapariga com o cabelo

cortado rente, volumosa e apetecível, cujas formas suscitavam movimentos do maxilar.

A festa, organizada por dois alunos de mestrado de Harvard, aconteceu semanas antes do Yom Kipur, em finais de setembro de 1995. O Claudius tinha ouvido alguns alunos do último ano a falarem disso horas antes, no próprio sábado, depois do jogo de futebol americano, enquanto fumavam ao pé da estátua do leão azul-claro, perto do Baker Field. Mais tarde, arrastou-me para fora do meu dormitório. Escapulimo-nos pelos portões da universidade e apanhámos o metro até Brooklyn, decididos a dar uma de penetras. A festa tinha sido descrita como uma cena para solteiros, sendo que tínhamos de escrever o nosso nome numa etiqueta e colá-la ao nosso corpo. Iris, a rapariga mais alta, com o afro, usava a sua etiqueta no braço, como se fosse uma patente militar. A amiga tinha posicionado a dela com malícia, tanto por conveniência, como por piada, feita para humilhar quem lia. «Olá», dizia-nos o seu rabo, «chamo-me Sybil».

– Miúdas maradas – disse-me o Claudius, e entreolhámo-nos com sorrisos parvos e conhecedores.

A principal diferença entre uma festa em casa de alguém, em Brooklyn, e uma festa universitária nos subúrbios era que, no *campus*, este tipo de coisas era apenas um treino. Podíamos entrar a meio gás ou à séria, ficarmos encostados à parede ou ir atrás de uns cus como uns loucos. Não havia qualquer espada sobre as nossas cabeças, nenhum precipício do qual saltar, não se corriam riscos. Talvez nos dessem uma tampa, talvez tivéssemos sorte. Quase de certeza que nos embebedávamos sem gastar muito dinheiro. Mas, ao final da noite, acontecesse o que acontecesse, adormeceríamos numa cama estreita de dormitório, rodeados por paredes de cimento, envoltos em lençóis de casal gigantes, comprados pela mãe de alguém.

Abordámos as raparigas e apontámos para as nossas etiquetas para nos apresentarmos. A mais alta, com o afro, disse que se chamava Iris, e fê-lo com o nariz, pondo uma ênfase invulgarmente forte no «I». Parecia a mais espalhafatosa e doida das duas, o que era coerente com aquela elocução. Perguntámos-lhes de onde eram. A maior parte da família da Iris vinha do Belize. A Sybil era dominicana. Eu e o Claudius gostávamos de saber este tipo de coisas.

– Estão a gostar da festa? – perguntei.

A Iris não respondeu. A sua atenção não se detinha em nada por muito tempo.

A casa era velha, sentiam-se as ripas do soalho a ceder, percebiam-se os seus ais abafados pela música e pelas conversas que irrompiam em grandes gargalhadas. Em momentos mais silenciosos, ouvia-se o ranger da madeira, a que se seguia o tilintar de copos, o crepitar de plástico ou o zumbido das conversas, cada vez mais altas. A Iris parecia em sintonia com tudo isto, com cada pormenor da casa e com as suas geografias subtis. Olhava agora pelas portas envidraçadas que davam para o pátio traseiro, onde tochas acesas revelavam pequenos grupos de fumadores a expirarem vigorosamente para o ar.

Dei-lhe um toque no ombro, e ela voltou-se para mim.

– Oh, és tu outra vez.

Olhou para a amiga com um ar perplexo.

– Sim, ainda aqui estão – disse a Sybil.

– Estão a gostar da festa? – repeti.

A Iris esperou muito tempo até responder.

– Estamos a curtir.

Ao longe, na sala, o DJ começou a tocar uma música nova.

– Que música é esta? – disse ela. – Já ouvi isto antes.

– Não conhecem? – disse um tipo que estava ao pé de nós.

Tinha uma barba com falhas e um copo de cerveja espumosa em cada mão. Talvez fosse estudasse em Harvard.

– Meu, vocês chegam tarde às cenas – disse ele. – É a «Brooklyn Zoo». Do Ol’ Dirty Bastard.

O Claudius e as raparigas anuíram como quem reconhece, mas aquilo parecia-me linguagem de código.

– Porque é que ele se chama assim? – perguntei.

O tipo riu-se da minha ignorância.

– Porque não há pai para o estilo dele.

As raparigas viraram-se uma para a outra e começaram a dançar, batendo os pés.

– Ouve, mesmo a sério – disse a Iris –, esta música é tão curta!

Elas entendiam a vida boa segundo a imagem e a lógica desta palavra, simultaneamente substantivo, verbo, e adjetivo, cuja superfície reluzente transbordava de significados potenciais. As suas caras tornaram-se máscaras de raiva, de narinas e bocas abertas enquanto dançavam. A Iris mantinha os braços junto ao corpo, enquanto a Sybil golpeava o ar com os cotovelos. O Claudius fez sinal com a cabeça na direção da Sybil e disse-me:

– Primeiros.

– Népia.

– Está dito, está dito – disse ele.

Ambos preferíamos raparigas com um certo volume, com curvas. Em parte, acho, porque era disso que os negros deviam gostar. Gostar delas era como uma confirmação de que se tinha sangue negro, uma forma de nos carimbarmos a nós próprios com autenticidade. Mas o Claudius tinha-a reclamado para si. Restou-me ficar com a Iris, a profetisa da curtição. Pronto, tudo bem. Ele que escolhesse. A ideia tinha sido sua. Nem sequer ali estaríamos se não fosse por ele. O Claudius sabia que eu precisava de me distrair.

Algumas semanas antes, no final de uma manhã de agosto, em Philadelphia, pouco antes do início do primeiro ano de



faculdade, sentei-me à mesa da cozinha com o meu pai, Leo, e embebedei-me com ele pela primeira vez. Disse-me para ter cuidado com mulheres doidas, mulheres zangadas, mulheres impetuosas. Disse que elas dariam cabo de mim.

– Mas também são as melhores mulheres – acrescentou –, as melhores amantes, com uma selva entre as pernas e uma loucura na cama que todos os homens devem experimentar.

Achei que conhecia o tipo de mulheres a que ele se referia, e tive a certeza de que estava a falar da minha mãe, Doreen, mas era-me indiferente. Ela tinha-nos deixado, tinha-o deixado, uns anos antes, anunciando recentemente que ia voltar a casar-se. Vi como a notícia afetou o meu pai. Passou o verão em casa a andar de um lado para o outro, parecendo cada vez mais pequeno e frenético a cada semana que passava. Deambulava como se a justificação para a sua vida ter corrido tão mal estivesse escondida numa das divisões. Praticamente arrasado com este esforço, o meu pai olhou para mim naquela manhã através das suas pálpebras pesadas e das suas compridas pestanas mediterrânicas. Herdara os maus dentes do pai e, antes de chegar aos sessenta, tratou de que lhe arrancassem uma série deles. Usava uma dentadura parcial, mas não a tinha posta enquanto bebíamos. A parte de baixo da sua cara estava colapsada como um fruto apodrecido.

– As melhores – repetiu. – De modo que...

O seu sotaque italiano tornava-se mais vincado à medida que ia bebendo. A língua espreitou por entre o seu sorriso fragmentado.

– De modo que todos os homens deviam experimentar isto, Ben – disse ele. – Por uma vez.

Ergueu uma unha roída junto ao seu nariz arrebitado e, em seguida, tirou qualquer coisa do bolso. Era um preservativo, numa embalagem prateada.

– Usa isto com a mulher mais deliciosa que encontrares, *una pazza*. Deixa que ela te coma todo, uma vez e apenas dessa vez.

Depois, casa com uma rapariga gorda, simpática e aborrecida, com mãos e coxas de requeijão. Cria uma vida aborrecida. É a única maneira de se ser feliz.

Entregou-me o preservativo. O ritual vinha na altura errada, eu já tinha explorado o mundo. O meu pai, no entanto, acreditava nele, tal como acreditava que havia um método infalível para se ser feliz. Uma vez que era seu discípulo, e bastante bêbedo naquela manhã, também acreditei naquilo.

Eu e o Claudius esgueirámo-nos para trás das raparigas e dançámos com elas ali mesmo, na cozinha. A Iris mexia-se bem, mas com agressividade. Rodopiava, enganchava os dedos nas presilhas das minhas calças, e empurrava a pélvis contra a minha. Esfregou-se em mim durante algum tempo e depois recuou, mostrando-me os seus dentes perfeitos e arranhando o ar entre nós com a mão. Era uma gatinha apoiada nas patas traseiras, esgatanhando ferozmente uma bola presa num fio.

Inclinei-me e perguntei-lhe se também andava em Harvard. Tentei soar mais velho, como se já tivesse acabado a licenciatura e já fosse um homem por inteiro.

— Somos *Hawks* — disse a Iris com a sua voz nasalada.

A seguir, abriu os braços e agitou-os como se fossem asas. O Claudius tinha uma teoria de que eu gostava acerca das raparigas com vozes nasadas. Dizia que as raparigas que falavam daquela forma, sem que a voz lhes viesse dos pulmões ou das entranhas, faziam-no como uma espécie de defesa, uma insistência auditiva para distrair os homens da carne.

— *Hawks*? — perguntei.

— Hunter College, turma de 94. Ei, porque é que não vais buscar uns uísques curtidos, para mim e para a minha amiga?

— Isso é uísque com...?

— Com magia.

— Onde é que encontro isso?

Ela abanou a cabeça, dececionada.

— É só uísque — resmungou. — Sê um bom menino.

Ao passar pelo Claudius e pela Sybil, que dançavam, pisquei-lhe o olho para que ele soubesse que tínhamos aquilo no papo. O fantasma das ancas oscilantes da Iris roçou-se em mim. Ali, diante do armário da cozinha, flutuava o seu sorriso bonito e os seus olhos escuros, salpicados com uma cor próxima do ouro.

Depois de preparar quatro doses generosas de *Jack*, levei-lhes os copos. A Sybil cheirou o uísque e deixou que os seus olhos se entortassem de prazer. A Iris ergueu o seu copo e, com uma expressão e um tom de voz solenes, disse que estava grata pelo universo e por todos os seus momentos.

— E pelo uísque e pela música e pela loucura e pela justiça e pelo amor — acrescentou.

— E pelo céu — disse Sybil. — Foda-se, já viram o céu esta noite?

As suas palavras eram desprovidas de sentido. Aquele era um brinde ao absurdo.

— E pelas tuas mamas — disse a Iris.

Esticou a mão e apertou o seio direito da Sybil.

— Ela não tem umas mamas incríveis?

O Claudius olhou descaradamente para elas.

— Tem sim — disse ele. — Tem mesmo.

O meu amigo chegara a Nova Iorque vindo de West Oakland, com certas ideias feitas sobre a vida na cidade, cujo calor e pó do verão, e gelo sujo de inverno pertenciam a um cometa cultural que ele ansiava ver, se não mesmo cavalgar. Devido a estas ideias, ele servia-se de gestos e disfarces, empurrava toda a sua essência para fora, permitindo-nos ver no seu rosto e na aba das suas narinas largas o brilho intenso daquilo a que algumas pessoas chamam alma. Embora as suas feições não concordassem por inteiro, ele conseguia convencer-nos de que era belo. Para conseguir esta ilusão, os seus truques incluíam chapéus cónicos orientais e anéis

de quatro dedos retro. A sua escolha para aquela noite: um fez, inclinado para a frente para que, tanto ele como eu, nos sentíssemos encorajados com o movimento obsceno do berloque.

Eu e o Claudius sabíamos ao que era o nosso brinde: à próxima fase da vida. Em festas deste género, a malta era mais velha, alunos de último ano que já tinham apartamentos em Nova Iorque, mestrandos e doutorandos que começavam a fazer o seu caminho, e gente que era jovem há tantos anos que começava a questionar essa mesma juventude. O álcool era melhor e a erva era boa. As raparigas eram incríveis, claro, sobretudo aqui. Dava para sentir um aroma caribenho no ar, como se o desfile pelas ruas de Brooklyn no Dia do Trabalhador nunca tivesse chegado ao fim, e este fosse, afinal, o seu ponto de chegada desde o início. Se não fossem caribenhas, como a Sybil, as raparigas eram algo de diferente e de outra parte do mundo. Cada uma tinha a sua própria atmosfera. Estávamos convencidos de que a roupa interior que elas usavam era melhor e mais diminuta do que a das raparigas que conhecíamos, estávamos convencidos de que elas eram os génios loucos dos seus próprios corpos.

— Então e de que buraco é que vocês saíram? — perguntou a Iris, embora o seu olhar se dispersasse novamente para o quintal.

— Da alta da cidade — disse o Claudius. — Columbia.

— «Ruge, Leão, Ruge» — disse a Sybil.

— Acabámos o curso em maio — menti.

— *Mazel tov* — disse a Iris.

A Sybil fez que não com a cabeça, e a atenção da Iris, de repente, voltou-se para ela por inteiro.

— O que foi? Posso dizer isso, na boa.

A Sybil fez um estalido com a boca, e ambas se riram.

Eu e o Claudius também nos rimos, embora nenhum dos dois soubesse ao certo qual era a piada. Antes de conseguirmos retomar a conversa, as raparigas foram-se embora sem dizer uma palavra.

Fomos atrás delas, subimos as escadas e passámos por pessoas que ali se empoleiravam a fofocar ou a seduzirem-se ou a perderem-se em labirínticos pensamentos privados. No segundo andar, um grupo ocupava todo o limiar de uma porta, como se estivesse a impedir a visão de alguma coisa ilícita. Eu e o Claudius furámos por entre as pessoas e demos por nós numa casa de banho enorme, onde as vozes faziam eco nos azulejos. Havia duas miúdas totalmente vestidas dentro de um jacúzi azul-claro, foleiro, com as cabeças emolduradas pelo quadrado de vitral iluminado que havia por cima da banheira, mas não eram as nossas miúdas. Voltámos ao corredor e vimos a Iris e a Sybil a saírem de um quarto, deixando atrás de si um rasto forte e adocicado de marijuana. Seguimo-las escadas abaixo, até ao quintal.

O Claudius saltou para a frente delas e disse:

– ‘Bora jogar um jogo.

Por instantes, as raparigas agiram como se nunca nos tivessem visto antes, e depois Sybil abriu muito os olhos.

– Uau – disse ela.

O Claudius anunciou que deveríamos todos trocar confissões.

– Histórias embaraçosas – disse. – Segredos. Quanto piores forem, melhor.

Esta ideia parecia inspirada pelo refrão da «Brooklyn Zoo»: *Shame on you! Shame on you!*

As raparigas pareceram achar graça, mas a sugestão dele não as convencia; em todo o caso, o Claudius insistiu.

– Quem quer ser o primeiro? – disse, e ficou à espera.

Mas esta espera era fictícia. É claro que seria ele a começar.

O objetivo a que almejávamos, nestes momentos, requeria paciência e um silêncio estratégico. Depois, quando falávamos, baixávamos bastante o tom de voz, mesmo em sítios ruidosos, para termos de nos aproximar. Estabelecíamos um contacto visual simultaneamente firme e suave, que não era bem um olhar fixo,

interrompido, de vez em quando, para contemplar vagarosamente os seus corpos de alto a baixo. Não era tanto um olhar lascivo, mas algo com mais malícia, algo mais como despi-las discretamente. O efeito global era uma espécie de hipnose que, de forma gradual, as incitava a entregarem-se. À medida que o tínhamos apurado, este método funcionara várias vezes com as raparigas do *campus*, mas sabíamos que isso não era motivo de orgulho. A universidade não passa de quatro anos em que as pessoas se atiram umas às outras sem pensar.

Com o seu murmúrio afetado, o Claudius contou-nos uma história que eu conhecia. A história podia ser verdadeira ou não, mas a verdade é que chocava as pessoas, ou excitava-as, ou fazia-as sentirem-se vulneráveis e tristes. O Claudius não era propriamente um tipo paciente. Era-lhe necessário descobrir com toda a rapidez qual o posicionamento das pessoas, sobretudo no caso das raparigas. A história é esta: quando andava no liceu, descobriu que a velhota que vivia sozinha na casa do lado o observava da sua janela. Todas as manhãs e ao final do dia, com a porta trancada por causa da sua mãe alcoólica, ele fazia exercício no quarto, só de cuecas. Piscando os olhos furiosamente, o Claudius disse-lhes:

— Trabalhava os gémeos, fazia flexões, elevações na barra e abdominais até cair para o lado. E lá estava ela, aquela gaja velha, a olhar diretamente para mim com os seus óculos de velha, como se fosse a coisa mais natural do mundo, como se aquilo fosse um espetáculo. E, pronto, eu dei-lhe o espetáculo. Ao início, pus-me junto à janela, a olhar para ela e a esfregar o peito e os abdominais. Depois, ao fim de uma semana, mais ou menos, comecei a besuntar-me com óleo. Levei a coisa mais longe e comecei a andar nu de um lado para o outro, e, como isso não a afetava, tentei que a minha namorada me ajudasse a montar um espetáculo de sexo ao vivo. Ela não quis. Acho que era demasiado inocente. Então, vejam só: decidi masturbar-me, bati uma mesmo em frente

à janela. A velha também ficou a assistir, mas na noite seguinte já lá não estava. Puf, desapareceu. E na noite seguinte também lá não estava. Aquela foi a última noite em que ficou espedada. Acho que finalmente conseguiu ver aquilo que queria.

As raparigas soltaram um pequeno grito em unísono, que se transformou numa tagarelice rápida, que mais parecia outra língua. Mesmo com a luz ténue da festa, os seus olhos inquietos destacavam-se, bonitas pedras cor de ferrugem e de âmbar. O riso sacudiu os seus corpos, e as duas bateram com as mãos nas coxas, inclinando as cabeças para trás. A agitação do movimento pareceu libertar delas um aroma: suor maduro e óleo de baunilha com vestígios de amêndoa. O afro perfeito da Iris eclipsou vastas secções da sala com a sua órbita. Outras raparigas tinham ficado repugnadas ou excitadas com a história, sem qualquer ambiguidade. Nenhuma reagira assim. E havia outra coisa que não batia certo. A boca e os olhos da Iris, indómitos, pareciam mexer-se de forma autónoma em relação ao resto da sua cara. Parecia uma boneca de plástico defeituosa.

— Ai o caralho... — disse a Sybil por fim.

Com a sua entoação, a palavra *caralho* tornou-se, para nós, um forte indício sexual.

— Este deve achar que é tarado — continuou, dando um piparote na borla do Claudius, fazendo-a girar.

— Eu disse que era sobre vergonha — respondeu ele, abrindo as narinas. — Eram parvoíces daquele tempo — disse com excesso de pompa, até para ele. — Agora vamos mas é às parvoíces *deste* tempo.

As raparigas fingiram segredar, sussurrando junto ao pescoço uma da outra.

— Bem, quem é que vem a seguir? — disse o Claudius.

— Ele — disse a Iris.

Tínhamos captado a atenção delas.

– Que é que ele tem para contar?

Ficaram os três a olhar para mim, expectantes. Havia milhões de pontas por onde pegar, mas todos os corredores da minha mente iam dar ao mesmo sítio.

– O meu pai – comecei, dizendo as primeiras e únicas palavras que me ocorreram.

Expliquei que ele era branco, nascido e criado em Itália. Que chamava sempre à minha mãe «a sua *cioccolata*». Quando ela se zangava com ele, gritando por um motivo qualquer, ele ria-se e fazia-lhe uma festa na bochecha. Nessas alturas, dizia-lhe que ela era *agrodulce*, mantendo sempre alguma da doçura dela.

O Claudius sorriu quando eu disse isto. Ele gostava de quando eu usava o meu italiano com as miúdas.

Falei-lhes de quanto o meu pai gostava da minha mãe e da sua família. Gostava especialmente que as cunhadas mais novas nos visitassem. Isto quando eu era pequeno. Antes de elas chegarem, eu sentava-me no bordo da banheira e passava a mão na costura da cortina de banho, vendo-o aperaltar-se. Ele punha água-de-colónia e decidia se havia de deixar um ou dois botões abertos no colarinho das suas melhores camisas. Garantia que as suas faces tinham uma barba de dois dias perfeita. Durante as visitas, era encantador enquanto preparava as bebidas, beijava-lhes as costas das mãos e admirava-lhes os novos penteados. Encharcava as minhas tias bonitas em elogios. Sempre adorei o meu pai.

O Claudius tinha parado de sorrir. Eu não estava a contar uma história embaraçosa. A minha história não estava a contribuir minimamente para a nossa causa. Eu não sabia bem o que estava a fazer, mas prossegui.

Este tipo de coisas deixava a minha mãe irritada, contei-lhes; ela acusava-o de se estar a atirar a elas e queixava-se bem alto da sua falta de respeito por ela. Um dia, tinha eu doze anos, aconteceu outra coisa que a deixou mesmo furiosa. Ela chegou a casa



mais cedo, do trabalho, horas antes do que eu esperava, e encontrou-me à mesa da cozinha, a ver a coleção de revistas pornográficas do meu pai. Eu já conhecia aquelas revistas, e tinha conseguido evitar ser apanhado ao limitar-me a espreitadelas rápidas, mas, desta vez, descobri — ou não pude continuar a ignorar — que o meu pai tinha preferências muito específicas. Fiquei enfeitiçado pelas curvas das nádegas das mulheres, pelos seus mamilos escuros e pela negritude densa entre as suas coxas. A minha mãe vasculhou o monte — até então, não me apercebera de quantas eram — e, aqui e ali, quando não me fitava, tocava com o dedo nos rostos mudos das mulheres das fotografias, distorcidos pelas expressões de prazer. A sua pele profundamente castanha pressionada contra as imagens das delas. O silêncio da minha mãe inquietou-me. Quis desesperadamente que ela dissesse qualquer coisa, fosse o que fosse, mas não disse. Limitou-se a tirar o molho de revistas da mesa e, com um gesto, mandou-me para o meu quarto.

Quando o meu pai chegou a casa, ele e a minha mãe tiveram uma discussão na sala. Eu esgueirei-me e fiquei a ver do corredor.

— Ele tem *doze* anos — repetia-lhe ela.

Era como se o meu pai se tivesse sentado comigo e ele próprio me tivesse mostrado as revistas, ou, pior, me tivesse levado a um bordel. Porque é que ela haveria de o culpar pelo que eu tinha feito? Não conseguia perceber.

— O Benito está curioso, Doreen, é quase um rapaz crescido — respondeu o meu pai.

Ele achava que aquilo não era nada de mais, que era uma ninharia, e eu concordava.

— E não é bom que ele aprenda que essas mulheres são bonitas? Que a sua *mamma* é bonita?

— Não é isso que ele está a aprender! — gritou a minha mãe, e naquele momento pareceu-me horrorosa. — Não percebes o que lhe estás a ensinar? Não *vês* o que estás a fazer?

Perante isto, ele abraçou-a e beijou-a no pescoço, uma reação generosa ao seu azucrinar imparável. Ela debateu-se durante um bocado, mais furiosa com as ações dele do que com as suas palavras. Mas o meu pai continuou a beijar-lhe o pescoço e a mordê-lo. Ele abafou a fúria dela com o seu abraço e, entre risos, murmurou-lhe os nomes carinhosos que lhe dava: *cioccolata*, *agrodulce*. Endireitei-me um pouco, continuando a observá-los do corredor, invadido por uma nítida sensação de orgulho.

Parei a história naquele ponto, incapaz de continuar, sem saber como prosseguir. Durante um tempo, ninguém disse nada. A Iris bebeu um gole do seu *Jack*. A Sybil olhou em volta, como se tivesse deixado qualquer coisa noutra divisão. A música continuava aos berros. Por fim, o Claudius agarrou-me a nuca e riu-se.

— Este tipo é um pensador psicótico — disse ele. — Uma alma sensível, um desmancha-prazeres. Tem o coração e mente bem à vista.

As raparigas continuaram a mostrar-se pouco convencidas.

— Certo, minhas senhoras — disse o Claudius. — Agora é a vossa vez.

— Oh, nós não bebemos o suficiente para isso, meninos — disse a Iris. — Não estamos a sentir muito este jogo.

A Sybil anuiu e disse:

— Além disso, já sabem como é... as mulheres e os seus segredos.

— E curtições — acrescentou a Iris, piscando o olho.

A seguir, viraram costas e, sem mais nem menos, vedaram-nos o acesso. Por instantes, fiquei maravilhado com aquele poder feminino. O Claudius ficou a olhar para o rabo da Sybil, continuando a reivindicá-la para si, a única coisa que podia fazer naquele momento de rejeição.

— Aquilo é que é uma curtição — sussurrou-me.

Estava exposto para análise pelas suas calças de ganga justas e pelos saltos das suas botas. O autocolante começava a desprender-se. O Claudius olhou de relance para mim e começou a divagar sobre o milagre das calças justas. Reconheceu estas como sendo *brasileiras*, disse ele, acenando lentamente com a cabeça, enquanto sussurrava a palavra com reverência. Depois, calou-se. Olhando outra vez para a Sybil, para a sua curva longa e profunda que comunicava com algo de primitivo nele, mexeu os lábios como se estivesse a tentar recordar uma língua esquecida. Mas ela e a Iris já não estavam ao nosso alcance, e de vez, segundo parecia. Embora o Claudius não dissesse nada sobre o assunto, não pude deixar de comparar mentalmente as nossas histórias. Eu era, sem dúvida, o responsável pela situação.

Eu e ele passámos as duas horas seguintes à conversa, a fumar e a beber no quintal, onde as tochas espalmavam as caras das pessoas e as faziam luzir. A dada altura, acabámos por voltar para dentro. Na cozinha, comi umas bolachas e o último quadrado ensopado de bolo de rum. Apetecia-me qualquer coisa doce, apesar dos meus dentes problemáticos, à medida que nos aproximávamos do final da noite. O Claudius, de novo recomposto, começou a percorrer a festa, cada vez mais vazia, em busca de outras raparigas dignas da nossa atenção.

Pouco tempo depois do episódio da revista, a minha mãe saiu de casa e, mais tarde, divorciou-se do meu pai. Disse que ele a amava com os olhos, mas que já não a amava com o coração. Disse que uma mulher não podia passar a vida inteira com um homem daqueles. Mas estava enganada quanto aos sentimentos do meu pai. Certo disto, arrogante nas minhas convicções, disse-o furioso para mim próprio. O meu pai venerava a minha mãe. Nunca fizera outra coisa que não cobri-la de afeto. Depois da sua partida, ele ficou amargo. Um dia, queixou-se de que ela

não se tinha ido realmente embora, que era demasiado malvada para esse gesto misericordioso. Ela ainda ali estava, metida dentro dele: uma espuma nas suas veias, uma doença no seu sangue. Foi assim que comecei a vê-la, como uma doença, uma traição ao nível celular. A minha decisão de ficar com ele tornou-se um emblema de lealdade, e brandia-o diante dela sempre que podia, até que a minha mãe parou de tentar chamar-me à razão. Quando fiz dezassete anos, escreveu-me, pedindo que fosse a Newark para a ver, para conhecer o seu novo homem e os seus filhos. Também me telefonou para o dormitório, no final do meu primeiro ano, mesmo antes dos exames, para me contar do seu noivado e para me dizer que era muito importante para ela eu estar presente no casamento.

— O que te fez pensar que eu *algum dia* faria isso? — perguntei-lhe.

Ela ficou calada por momentos, e até este intervalo me irritou, levando-me a rejeitar tudo o que ela dissesse. Olhei para o candeeiro sem abajur na minha secretária e obriguei-me a fitar o centro incandescente da lâmpada.

— O que te fez pensar que não farias? — disse ela. — Há de haver uma altura, filho, em que vais ter de largar essa ideia que meteste na cabeça.

Disse um palavrão e desliguei o telefone, a tremer, cego de raiva, completamente fechado para a minha mãe. Ela era uma cobarde, incapaz de suportar a força do afeto do meu pai, como se fosse possível existir amor a mais.

O meu pai. A antiga versão dele teria gostado desta festa. Entrei na sala de estar a sorrir com esta ideia. Houve um tempo em que seria ele a organizar uma festa deste tipo, enviando convites a pessoas jovens, magníficas, coloridas, pessoas a quem ele se referia como «a essência da terra». Quando havia essas festas, ele deixava-me ficar acordado a noite inteira, se aguentasse. Conseguia imaginá-lo a beijar as bochechas das quatro raparigas

que agora se dirigiam para a porta, cujos pés negros se tornavam fascinantes nas sandálias e sapatos de salto alto, de *jeans* lisas como óleo azul, e vestidos de verão como vestes sagradas. O meu pai segurar-lhes-ia as mãos, pedindo-lhes que não se fossem já embora. Iria referir uma garrafa especial, uma colheita *vintage* que tinha guardada para o momento ideal, e prometer-lhes-ia um pequeno-almoço caseiro ao nascer do Sol. Diria quase tudo aquilo que lhe ocorresse para conseguir o lampejo de um sorriso, para as fazer ficar, para que a festa se prolongasse o mais próximo possível da eternidade.

Mas o meu pai estava a degenerar em Philly, não aqui, o homem que costumava ser há muito desaparecera, pelo que as quatro raparigas conseguiram sair da casa sem cerimónia. Agora, havia visivelmente mais rapazes do que raparigas na festa, e a maioria deles tinha um ar de remorso ainda mais patético devido à música triste que o DJ tocava num volume mais baixo.

A Iris e a Sybil estavam junto a uma estante de livros improvisada, dando a três falhados o mesmo tratamento que nos tinham dado a mim e ao Claudius. Agora, bêbedas ou pedradas, talvez as duas coisas, levantavam os pés e davam aos braços, nadando num mar de hilaridade. Depois, um dos falhados agarrou-se ao braço da Sybil, implorando-lhe que ficasse, que lhe desse o seu número de telefone, que fosse para casa com ele. O tipo parecia mais velho — velho, na verdade —, e ele e os amigos, provavelmente, também tinham vindo à festa sem serem convidados, embora não do mesmo modo que nós. Pareciam ter vindo de outro sítio completamente diferente, de outro tempo, de outra dimensão, e o fedor disso emanava deles. Era isso: algo para o qual não tinha nome pululava na sua excitação, e isso tornava a sua abordagem grosseira, maldosa e assustadora. Podia ter interferido, feito o papel do herói galante que o meu pai faria, mas a Iris conseguiu afastar a amiga daqueles falhados e saíram da casa.

O Claudius entrou na sala com o seu fez virado ao contrário, como um balde sem pega. Tinha o cabelo acachapado e com jeitos, e parecia-se com alguns sem-abrigo que se viam no metro, crepitando de energia fétida, ofendidos e suplicantes. Seguiu em frente com ímpeto e quase me deu um encontrão.

— Não tiveste sorte?

— Só pilas, meu — disse ele, para trás.

Segui-o até ao exterior. Voltou a pôr o fez na cabeça, e o berloque oscilou com a brisa. Já o vira assim antes, neste estado de extrema agitação. Ele era terrível a mandriar, muito pior do que eu, e podia desorientar-se rapidamente. Sem um destino preciso, o mapa da sua vida não tinha qualquer significado ou forma. Ficámos juntos diante do portão da casa, rodeados pelo latido agudo do cão dos vizinhos, pelo zumbido de um candeeiro público avariado e por um ligeiro tilintar metálico. Bati-lhe no ombro e disse que deveríamos voltar para o *campus*. Ele tirou o *pager* do bolso. O brilho verde do visor disse-nos que eram quase quatro da manhã. O serviço de metro estaria terrível.

Nesse preciso momento, no passeio, a Iris e a Sybil passaram por nós de bicicleta, hesitantes, com as rodas da frente a fazerem uma dança espasmódica. Passaram por nós e avançaram um pouco, até que a Sybil guinou e bateu na lateral da bicicleta da Iris. Equilibrou-se, mas a Iris caiu. Atravessámos o portão a correr, para ir ter com elas, e ajudei a Iris a levantar-se. Tinha lágrimas nos olhos, mas estava a fazer um barulho que acabou por se revelar uma gargalhada. A Sybil também se ria.

— Estamos uma lástima — admitiu a Iris.

Sem pedir licença, vomitou em cima do próprio punho e, em seguida, examinou o braço. Tinha um corte fresco, cheio de terra, que ia do cotovelo até meio do pulso. Tocou na ferida ao de leve e depois olhou para a ponta do dedo ensanguentada.

Quando lhe perguntei se estava bem, reagiu tentando marcar-me com a mancha de sangue. Dei um salto para trás, e ela riu-se. Troquei olhares com o Claudius e depois sugeri que as acompanhássemos até casa.

A Iris trauteou algo enquanto descolava do braço a etiqueta com o seu nome.

— Um par de malditos cavalheiros — disse. — O cavalheirismo, afinal, não está morto.

Caminhámos com as bicicletas delas enquanto as raparigas, de mãos dadas, seguiam trôpegas à nossa frente. Os seus movimentos, sincronizados num exagero bêbedo, sugeriam um novo ritmo para prolongar a noite. Era como os discos que o meu pai punha a tocar às tantas da madrugada, nas suas festas, depois de os convidados menos resistentes se terem ido embora e quando os restantes, sentados, avaliavam os ponteiros do relógio. Ele tinha uma seleção de vinis especiais, sobretudo *bop*, que faziam as coisas ganharem vida novamente, muito diferentes da música sorumbática que o DJ tinha tocado na casa. A música do meu pai convencia-nos de que nunca nada tinha de acabar.

Eu e o Claudius, sentindo-nos bem outra vez, observámos as raparigas. As pernas e as coxas da Iris eram bem torneadas para uma rapariga tão magra, mas o cu da Sybil continuava a ser o prémio.

Fitando-o, disse:

— Está ali uma bela cebola.

— Capaz de fazer um homem adulto chorar — respondeu ele ao meu apelo.

Mas depois olhou para mim com dúvidas.

— Tu não saberias o que fazer com aquilo. E eu disse primeiros, lembraste?

Apontou com o queixo para a Iris e disse:

— Aquilo é mais a tua onda, B. Dois palitos fazem fogo.

Com uma piscadela de olho, acelerou o passo e arrancou o autocolante que ainda pendia das calças de ganga da Sybil. Riram-se bastante com aquilo e começaram a andar lado a lado, e ao fim de algum tempo, ficando para trás, acabei por caminhar com a Iris. Tinha outro golpe na pele, junto ao pulso. Sempre que a ferida ganhava sangue, ela chupava-o como uma criança que se tinha magoado. Apesar do seu comportamento estranho, imaginei-me a dormir com ela, a manobrar as suas coxas e ancas com a mesma facilidade que manobrava o guiador da sua bicicleta.

Caminhámos durante muito tempo, cada vez mais embrenhados em Brooklyn. Na verdade, a sensação era a de que estávamos a afundar-nos. Havia tábuas a tapar as janelas de apartamentos por cima de uma loja de conveniência, e filas de ervas daninhas rígidas perfuravam as fendas no pavimento. Passámos por um bar chamado Salt, que parecia fechado há anos, e, na esquina, havia uma série de nomes grafitados numa parede de tijolo. Todos os nomes tinham três letras — SER, EVE, RON, REL, MED —, e os pingos de tinta eram estalactites turvas coloridas. O passeio foi-se enchendo de sacos de papel amachucados, garrafas de licor de malte vazias e outros pedaços de lixo informes. Contornei com a bicicleta da Iris poças inexplicáveis cobertas de espuma. Não chovia há semanas e não choveria esta noite. Havia homens sentados em rebordos de soleiras decrépitas, ou de pé em frente a lojas. Olhavam especados para nós, mas as suas expressões eram mais misteriosas do que ameaçadoras. Recetivo àquilo com que os homens nos bombardeavam, senti-me irradiar até à medula.

A Iris falava sem parar invocando a curtição, escolhendo as palavras com uma intencionalidade embriagada.

— Não tem que ver com ser profundo e essas merdas — disse ela. — Não tem nada que ver com isso. Tipo, consegues andar



ao de leve sobre todas as superfícies? Consegues ir seja onde for e estar aberto a todas as pequenas coisas?

Tentei parecer interessado no que ela tinha para dizer. Não ia, nem por nada, voltar a dar cabo das nossas hipóteses. Adotei um tom de voz mais suave e perguntei:

– Mas o que vem a ser essa coisa da cortiça, afinal?

O riso da Sybil pairou à nossa frente. O som de outro cão a ladrar atravessou subitamente o ar. A Iris disse algo que não compreendi e pedi-lhe que clarificasse.

– É japonês: *mono no aware* – disse ela. – Uma sensibilidade perante as coisas. Uma consciência. Nada é permanente. Uma forma de compreender a beleza. Estudei filosofias do mundo, na universidade, e estive um ano no estrangeiro.

Para ilustrar a ideia, começou a falar da *sakura*, a cerejeira. A princípio, aquilo mais pareciam baboseiras de alguém mocado. Depois, a ideia de *estrangeiro*, e a mundividência misteriosa que sugeria, começou a entusiasmar-me tanto como as suas ancas. A Iris era negra, da América Central, talvez também fosse judia, e sabe-se lá que mais. Era ainda mais exótica do que supusera.

Falou-me de um sonho que tinha tido com as cerejeiras, uma visão como um vídeo acelerado: os rebentos cor-de-rosa a florescerem, a empalidecerem e a caírem aos molhos, tombados como saias macias sobre a erva.

– Perguntei à minha mãe o que achava – disse. – Ela consegue interpretar sonhos. Disse-me que a vida é exatamente assim.

A Iris estava a estender-me algo, qualquer coisa real, mas não consegui compreender ao certo do que se tratava.

– Mas o que eu quero saber... – disse eu, e depois disparei: – Já fizeste amor sobre a erva?

Ela franziu o sobrolho e abriu a boca para responder. Mas depois um cão magro, cor de palha, apareceu vindo do meio de dois carros estacionados. O Claudius sobressaltou-se, deixando

cair ao chão a bicicleta da Sybil. Quando o cão começou a rosnar e a ladrar, tentámos contorná-lo. Ele não se mexia bem, mas conseguiu manter-se à nossa frente. Talvez estivesse raivoso. Parte da sua pele rosada estava à vista por entre as suas manchas de pelo, e à luz do candeeiro público parecia uma mistura de hiena e porco. Os seus olhos ramelosos cintilavam, o som do seu rosado era quase subliminar. Mantive o olhar fixo nele. Embora o ar da noite tivesse arrefecido, ondas de calor embatiam contra a minha cabeça. Cerrei o maxilar, e o meu peito contraiu-se.

Enquanto recuávamos, o cão foi-se aproximando, pronto para nos saltar em cima a qualquer momento. O Claudius aconchegou o fez contra o peito e disse um palavrão entredentes. Escorregou, atrás de nós, e usou-nos como o seu escudo. Levantei a bicicleta da Iris, pronto a atirá-la, mas depois a Sybil investiu contra o cão e deu-lhe um pontapé no focinho. O cão inclinou-se por instantes, gemeu de um modo que pareceu quase grato, e a seguir caiu para o lado. A Iris juntou-se a ela e, antes de aquilo chegar ao fim, ainda deram mais alguns pontapés firmes, fazendo pontaria à cabeça e à barriga ressequida do cão. Depois o animal parou de se mexer e de respirar. Toda a sua ferocidade se extinguiu. Virei costas, embora a violência tivesse cessado, mas pequenos murmúrios estranhos da parte das raparigas, sons perturbadores, chegaram-me aos ouvidos. Os braços de alguém envolveram-me com força — os meus próprios braços, apercebi-me. Relativamente perto de mim, a boca do Claudius abria-se cada vez mais.

As raparigas calaram-se. A Sybil transportou a sua bicicleta até nós. Respirava de modo ofegante pelas narinas, com a pele a brilhar devido ao esforço momentâneo. Aproximou-se do Claudius, agarrou-lhe a nuca, e puxou-o para baixo, até ela, para um beijo agressivo e esfomeado. O seu fez amachucou-se no abraço de ambos.

Vacilante, fui na direção da Iris. Estava junto ao cão imóvel, os seus ombros subiam e desciam. Voltou-se para mim e passou-me a palma da mão na testa, alisando-a.

— Para de ficar tão... *surpreendido* a toda a hora — disse ela.  
— Faz-te parecer um velho.

Nesse momento, um homem do outro lado da rua gritou por detrás das grades da janela de um apartamento.

— Meu! Estas gajas *rebentaram* a merda do cão! — disse ele.

Rimo-nos, primeiro as raparigas e depois eu juntamente com elas. O Claudius, que segurava o seu chapéu estragado, não se juntou a nós. Ri-me com as raparigas e senti alívio. De repente, tudo parecia bem: o que as duas haviam feito e como o haviam feito, que tivessem sido elas as corajosas. Não estava só bem; era empolgante, e muito mais.

Enquanto continuávamos a andar, a Iris olhava para a frente, como que imersa num sonho.

— O que estava o cão a oferecer-nos? — perguntou. — O que libertou para o mundo a sua opção de morte?

Não fui capaz de responder. Nem sequer era claro que a pergunta me fosse dirigida.

Chegámos a uma estação de metro onde eu nunca tinha estado, e o Claudius olhou para mim. No seu rosto cansado, apreensivo, formou-se uma pergunta, e eu percebi a que se referia. Abanei a cabeça, e ele percebeu o que quis dizer. Quando anuí, isso também foi compreendido. Não regressaríamos ao *campus*. Iríamos onde quer que esta noite nos levasse.

A casa delas ficava bastante afastada da rua. Era uma casa com dupla personalidade, tijolo exposto no primeiro piso e painéis de vinil cinzento no segundo andar. Havia apenas uma janela a espreitar por entre os painéis, como um olho amarelado. As raparigas atravessaram o portão a saltitar, dirigiram-se à porta e ficaram na soleira, à nossa espera.

– Onde é que *estamos*? – murmurou o Claudius.

– Não importa.

– Acho que fico por aqui, meu – disse ele. – Já as trouxemos até casa sãs e salvas. Não que elas precisassem da merda da nossa ajuda.

– E agora querem agradecer-nos – disse eu. – Um par de cavalheiros do caraças.

– Meu, nem sequer sei onde raio é que estamos.

Pousei-lhe a mão no ombro.

– O que é que isso interessa? Hoje, o mundo é todo nosso, mano.

A Iris perguntou se tencionávamos subir ou quê, disse para nos despacharmos porque tinha de fazer xixi. Mostrei ao Claudius o nosso típico sorriso pateta. Ele limitou-se a olhar para mim. Por fim, em voz baixa, disse está bem, mas não me sorriu de volta. Levámos as bicicletas para dentro.

Tirando duas gravuras da Elizabeth Catlett nas paredes, a sala praticamente não estava decorada, como se as raparigas não vivessem ali. Viveria alguém ali? A ideia entusiasmou-me, que aquele sítio estivesse disponível para quem o conhecesse e quisesse ou estivesse fadado a uma noite louca.

Elas puseram-nos alguns comprimidos na palma das mãos.

– Drogas do amor – disseram, e engoli os meus com um gole do seu rum demasiado alcoólico.

O Claudius seguiu o meu exemplo.

As raparigas mandaram-nos sentar e, juntas, foram tomar banho. Afundámo-nos na macieza do seu sofá. Deixei que as vozes delas me acariciassem através da porta ligeiramente aberta. Falavam com solenidade, como duas sábias na banheira.

– Dói-te? – disse a Sybil.

– Sim – respondeu a Iris –, mas não tenho medo da dor.

– Ótimo. Nada de evasões.

— Nada de capacidades diminuídas.

Brinquei, sabendo que a piada era fraca, que as raparigas deviam estar perdidas na cortina. O Claudius não disse nada. O suor escorria-lhe pela testa, do chapéu amachucado até aos olhos. À medida que as vozes delas iam flutuando e o tempo se tornava gordo e lento, o meu coração esmurrava-me a caixa torácica. Mesmo bêbedo, pedrado e nervoso, estava pronto.

Elas apareceram, vindas do limiar da eternidade, inicialmente cobertas apenas pelo véu do vapor da casa de banho que se dissipava, e, depois, por nada, apenas com alguns resquícios de espuma. A Iris tinha faixas de ligadura no braço. Plantaram-se à nossa frente e começaram a posar, virando os seus corpos lentamente para que pudéssemos admirá-los de todos os ângulos. Os seus pés molhados manchavam o soalho. Eu nunca vira uma nudez feminina tão descarada em pessoa, até então. Sempre que tentava alcançá-las, desejoso de ultrapassar este momento arrastado, as raparigas davam um passo atrás. Não me deixavam tocar-lhes.

— Fiquem só a ver — disse a Iris, e ficámos, até que a Sybil entrou num dos quartos e, com um gesto, chamou o Claudius.

No outro quarto, a Iris acendeu algumas velas e mandou-me sentar na cama. Quando ela se aproximou, a porta abriu-se e a Sybil entrou apressadamente. O Claudius, ainda totalmente vestido, apareceu atrás dela.

— Senti-me sozinha — disse a Sybil. — Tive saudades tuas.

A Iris disse que também sentira a sua falta. As raparigas beijaram-se à luz tremelicante das velas. A seguir, a Sybil perguntou se nos queríamos juntar à festa. Disse que sim, e elas riram-se da rapidez com que respondi. A Sybil disse-nos que tirássemos as roupas. Também depressa, comecei a despi-las, mas o Claudius manteve-se imóvel, a olhar em volta. Parecia que estava a tentar reter na memória tudo o que ali havia — a cama grande, as chamas trémulas, as cortinas pesadas — para depois

o usar como cenário numa história completamente diferente. Estava a memorizar tudo, ao que parecia, menos as pessoas que ali estavam, ignorando-nos e, portanto, omitindo-nos. Talvez até estivesse a omitir-se a si próprio.

Embora a Sybil nos incitasse, dizendo que queria ver aquilo que tínhamos para lhes oferecer, o Claudius concentrou a sua atenção na fresta das cortinas, olhando a escuridão no exterior, negando a voz dela. Mas depois eu chamei-o, em tom zangado, e puxei a sua atenção de novo para dentro do quarto. O que seria? A quantidade de álcool que bebêramos, as drogas, a conversa maluca, a visão daquele animal morto na rua, ou apenas as raparigas em si mesmas? Tudo aquilo, conjugado, tinha um sentido glorioso, para mim. Tínhamos chegado ao verdadeiro destino daquela noite. É claro que eu e o Claudius nunca víramos o outro nu — mas e então? As raparigas que havíamos querido desde o começo estavam, por fim, a oferecer-nos a sua perfumada carne castanha, e a única coisa que tínhamos de fazer era despirmo-nos, juntos. Porque haveria a timidez, se é que era disso que se tratava, ou o medo, ou um pouco de estranheza adicional, um pequeno percalço no despontar da aurora, de nos travar? Porque não haveria isto, todos nós juntos num único quarto, de ser o nosso caminho? Olhei para o Claudius até ele compreender o que eu queria que ele fizesse. Podia ter dito que não, às raparigas, a mim, à parte de si que também queria continuar, e, por um segundo, quando abriu a boca, foi o que esperei que dissesse, que gritasse a sua recusa. Mas limitou-se a ficar espedado e, mansamente, acenar em concordância.

A seguir, tirou a roupa, tal como eu, observando as raparigas enquanto elas nos observavam. Quando eu e o Claudius ficámos nus, não fizeram nada. Ainda não estavam satisfeitas.

— Bem — disse a Sybil —, olha para ele.

Fiquei confuso por instantes, mas era uma ordem para nós os dois.

– Têm de estar totalmente presentes – disse a Iris, as primeiras palavras que dizia há um bom bocado.

– Olha para ele.

– Ele é teu amigo.

– Não finjas que ele não está lá.

– Há sempre mais naquilo que queremos do que aquilo que queríamos. – Era novamente a Iris quem falava. – Tens de o aceitar também.

Voltei-me para o Claudius, ali parado, com as mãos em concha frente aos genitais. A Sybil aproximou-se dele e afastou-lhe as mãos para o lado. As suas pernas eram magras, em comparação com as suas coxas musculadas. Tinha um peito bem desenvolvido, mas uma barriga saliente, dividida por uma risca vertical de pelo emaranhado. O seu pénis estava parcialmente ereto. A Sybil voltou a pôr-lhe o fez na cabeça para sublinhar a sua nudez.

As raparigas disseram-nos para continuarmos a olhar um para o outro, enfrentando o medo e a vergonha, até chegarmos à exposição total. Não permitiriam que agíssemos de outro modo. Quatro corpos nus prestes a terem relações sexuais no mesmo quarto tinham de ser isso mesmo.

Lá chegamos ao sexo – a Iris comigo, e a Sybil com o Claudius –, quando a luz começou a entrar no quarto pelas frestas nas cortinas. Não consegui desfrutar do corpo da Iris, na verdade. Estava demasiado preocupado em manter as coisas organizadas, debaixo de um qualquer tipo de controlo, afastando o orgiástico. Estava demasiado ciente dos outros corpos na cama, demasiado ciente do meu próprio corpo. No entanto, consegui usar o preservativo do meu pai. Tencionava usá-lo, isso tinha-se tornado uma obsessão, e finalmente fi-lo, tal como o Claudius – talvez outro filho de outro pai confuso – pôde usar o preservativo que costumava trazer no *seu* bolso. Tínhamos encontrado as nossas

mulheres selvagens e loucas, e elas dormiram conosco. Mas primeiro forçaram-nos a olhar, durante muito tempo.

O meu pai morreu, ou completou o seu longo processo de morte, há um ano. No dia do seu funeral, observando o seu rosto rígido, quase sorridente, no caixão, vi-me ladeado pela minha mãe e a sua nova família. Mantivera-me afastado durante a última década, exilando-me, e, portanto, a sensação era a de que não a via há séculos. A dada altura, apertou-me o braço e depois anuiu. Não me obrigou a falar-lhe. Tudo o que tinha a dizer ficou expresso naqueles gestos. Com o seu vestido e o blêizer pretos, com o seu cabelo com madeixas grisalhas preso debaixo do chapéu inclinado, continuava a ser uma mulher muito bonita. Talvez o meu pai tivesse continuado a achá-lo. O que me surpreendeu mais do que a elegância e a dignidade com que envelhecia foi a presença do seu marido e dos seus filhos adultos, dos filhos *deles*. Não tinham de ali estar. Mais tarde, incapaz de acalmar o estômago e a mente, fiquei sozinho, e a minha mãe e a sua família conversavam no outro lado da sala. Além de mim, apercebi-me, eles eram as duas únicas pessoas negras a participar no funeral. Juntos, os quatro formavam uma imagem de serenidade e delicadeza que me deixou ainda mais perturbado. Pensei na última celebração pública a que eu e o meu pai tínhamos ido juntos, uma comemoração da sua carreira, longa e bem-sucedida. Houve um desespero no modo como me levou pelo braço de convidado em convidado. A todas as pessoas que eu não conhecia, e a algumas que conhecia, ele disse: «Este é o meu filho. Este é o meu filho.» Exibiu-me como um prémio, como se quisesse apagar qualquer dúvida de que eu lhe pertencia. Ele fazia este tipo de coisas desde que eu era pequeno. Essa foi a primeira vez que isso não me deixou orgulhoso.

O que teria querido dizer-me naquela manhã de agosto, em Philadelphia, antes de eu voltar para a faculdade? Acreditaria



ele no que me disse sobre a felicidade? Fora algo sentido? Ou estaria apenas de coração partido, amargo, bêbedo? Talvez soubesse que estava a falar com um miúdo parvo. Ou talvez observar o que eu fazia com a minha vida fosse a sua forma de deslindar as coisas. Não sei. Não sei, mas estou sempre a imaginar como seria ser pai de um rapaz que me adora e que acredita em mim e que, apesar das nossas divergências, quer acima de tudo ser um homem à minha imagem. Vejo esse rapaz espectral com nitidez, o meu filho, e sinto-me assustado quando ele está por perto. Quero falar com ele, mas não sei o que dizer.

Por vezes, sinto que tudo o que teria para oferecer, além de perguntas, são as minhas memórias daqueles tempos em Brooklyn e daquele horrível apartamento ao qual nos conduzi, obcecado. Isto soa ridículo, até para mim, mas é a verdade. Entre os toques mais estranhos que já senti conta-se a mão do meu amigo a agarrar-me o ombro, muito depois de a Iris e a Sybil nos terem deixado sozinhos no quarto. Arquejei quando senti o toque do Claudius. Não olhei para ele e não afastei a sua mão. Limitei-me a ficar deitado de lado, com os olhos fechados, e a tentar não estar acordado. Quando finalmente me levantei, já passava do meio-dia. A minha cabeça latejava, e o som distante das vozes das raparigas ecoava-me nos ouvidos. O Claudius estava sentado na cama, a olhar para mim. De repente, uma fealdade aguda consubstanciou-se, um rosto revelado dentro do seu rosto, e ele deve ter visto o mesmo no meu. Tem sido assim com as pessoas na minha vida, com as pessoas de quem gostei: uma dispersão finíssima, uma rutura tão silenciosa como dois lábios que se separam, uma mudança tão súbita, certa manhã, tão ligeira, que é de perguntar se elas algum dia foram belas sequer.


Numa das mais aclamadas estreias da literatura norte-americana contemporânea, Jamel Brinkley envolve-nos na complexa teia de relações familiares, sociais, raciais e sexuais dos dias de hoje, desenhando, com uma elegância incomum, novas formas de observar a realidade. Brutais, divertidas ou simplesmente perdidas e em busca de consolação, as personagens que percorrem estas nove histórias são quase sempre figuras dramáticas, que desafiam os modelos construídos de paternidade, amizade, amor ou mesmo de masculinidade.

«*Um Homem de Sorte* é, não só, uma das estreias literárias do ano, como também um testemunho daquilo que é possível alcançar com um conto.»

*Chicago Review of Books*

«Contos que nos atingem com um trovão silencioso que continua a reverberar dentro de nós muito depois de os termos lido.»

*San Francisco Chronicle*

<b>ELSINORE</b> entre nós e as palavras <b>20 20 editora</b>	ISBN 978-989-8664-59-8  9 789898 866459 Literatura Traduzida
YOU ARE WELCOME TO <a href="http://WWW.ELSINORE.PT">WWW.ELSINORE.PT</a>	